

# Ética e Educação Física

*José Geraldo de Freitas Drumond*

O homem é um ser intrinsecamente ético porque se acha dotado da razão, sendo, por conseqüência, capaz de refletir sobre os seus atos. A ética, ciência do comportamento humano, estabelece como instrumento de estudo deste comportamento a discussão filosófica do agir humano em categorias as mais variadas, tendo presente os princípios universais que se tornaram consagrados porque atenderam a necessidade de preservação do próprio homem enquanto indivíduo pertencente a uma grande família, que é a humanidade.

Na Antigüidade, a ética tinha uma raiz eminentemente religiosa, sendo o temor aos deuses o que determinava este ou aquele padrão de conduta. A “ética antiga” ou estava codificada como o primeiro código conhecido, o Código Hamurabi ou se acoplava a determinados rituais, preceitos legais ou regras de higiene, como na religião judaica. Estes códigos primitivos foram questionados quando Jesus de Nazaré contrapôs às leis do judaísmo, numa nova ética a ética do amor. No entanto, esta nova ética continuava tendo como referência o transcendental: O homem decaído precisa se religar com Deus para redimir de seus pecados e tornar-se um ser novamente bom.

A secularização da ética foi entronizada pelos filósofos da

Antigüidade Grega. Sócrates, por exemplo, entendia que o cidadão tinha obrigações para si mesmo e para com o Estado.

Aristóteles, no entanto, foi quem de fato sistematizou o seu pensamento sobre a ética, deixando notáveis obras que até os dias atuais não foram ultrapassadas “Ética a Nicômaco”, “Grande Ética” e “Ética a Eudemo”. Da era cristã, podem ser citados os doutores da Igreja Católica Santo Agostinho e São Tomáz de Aquino que souberam acoplar o pensamento cristão à racionalidade ética de Sócrates, Platão e Aristóteles.

Outras duas referências nas origens da Ética podem ser buscadas: no oriente, o budismo e no ocidente, o epicurismo. O budismo Zen propõe a aceitação completa da vida na qual nos achamos inseridos, sem fazer julgamentos do que é bom ou mau, para se alcançar a felicidade. Já Epicuro, filósofo grego, aborda uma visão materialista do universo e propõe uma ética baseada na fruição dos prazeres, optando por aqueles que não resultarão males futuros e que estejam associados a uma prática solitária de vida, longe de multidões e cercado por pessoas queridas.

A Modernidade tornou ainda mais racional a ética, fazendo desenvolver a concepção de que está nas

mãos do próprio homem a sua completa realização. Os exemplos vão de Descartes a Nietzsche.

Descartes considera a razão como a faculdade humana por excelência (“Cogito ergo sum”), reconhecendo a vontade de cada pessoa como a causa dos erros. Nietzsche propugnou a existência de uma base extramoral para a moral, admitindo a ética como uma estratégia dos fracos para dominar os fortes e infundir-lhes um sentimento de culpabilidade.

Saliente-se, ainda, pela importância, Spinoza e a sua obra denominada “Ética”, cujo objetivo foi o de tentar compreender as emoções humanas à maneira dos geômetras.

Outro importante filósofo da Modernidade, cuja obra se baseia na ética da autonomia foi Kant (Immanuel Kant) que junto a Bentham e Kierkegaard estabeleceu a ideia de uma ética racional, uma ética utilitária e uma ética com base na singularidade da existência humana. Na ética de Kant, sobressai-se a autonomia e, como fundamento ético, a escolha de uma regra que possa ser de aplicação universal, estabelecendo-se que o ser humano é um fim em si mesmo.

Na Pós-Modernidade, no entanto, depara-se com uma perplexidade ética onde as conquistas propiciadas pelo conhecimento científico, ou seja, todo o desenvolvimento tecnológico da humanidade não se encontra à disposição e sequer ao alcance de mais da metade da família universal. Por outro lado, o consumismo tornou-se um fim em si mesmo nos países ricos, submetendo a maioria dos povos à denominação econômica, ideológica e até religiosa, em alguns casos.

Nesta singularíssima transição histórica da humanidade, nunca foi tão importante a reflexão ética para

modular o comportamento humano, de modo que as ações de homens e mulheres possam ser canalizadas para resultados benéficos universais e que não haja riscos para a própria sobrevivência dos seres humanos neste planeta.

Os grandes problemas éticos do mundo atual são a individualização (privatização) da ética, a tecnologia do mundo (causando um extraordinário progresso material) e o aparecimento de uma sociedade do consumo, do descartável, da competição pelo acúmulo de bens (ganância); a desumanização e a insensibilidade social; a racionalização dos fenômenos sociais e a visão economicista do mundo.

A Ética, não obstante, estará sempre a demonstrar que o homem é o maior de todos os valores (Kant) e que o compromisso de solidariedade para com a família humana universal é tão importante quanto o compromisso com a própria dignidade.

As mudanças sociais provocadas pela explosão do conhecimento e, por consequência, a permeação tecnológica dos atos humanos fez com que surgisse, na década de 70 do século passado, nos Estados Unidos da América, a Bioética como uma nova proposta de uma ética global, que assegurasse ao cidadão a garantia do respeito à sua vontade e integridade como pessoa humana contra quaisquer tentativas de violação de sua dignidade, provocadas principalmente pelos abusos do emprego da tecnologia na área da saúde.

A Bioética nasce, então, como esboço natural de uma nova humanidade que necessita, mais que nunca, de justiça social reafirmando que os direitos individuais sejam, cada vez mais, sobrelevados.

Nunca se discutiu tanto acerca da ética na aplicação do conhecimento

humano, quer na etapa de pesquisa quer na aplicação do cotidiano profissional, mormente na área da saúde.

A ética hipocrática, de onde descendem todos os códigos morais das profissões de saúde, sempre foi individual e de comportamento verticalizado em relação ao paciente/cliente, que deve compartilhar das decisões que o profissional venha a tomar a seu respeito. Daí a necessidade de estabelecer princípios morais para as diferentes áreas de atuação profissional recém surgidas em decorrência da evolução social.

A Educação Física é uma dentre as oitocentas disciplinas desenvolvidas pelo conhecimento humano, que teve no século XX o ápice de sua amplificação. E como disciplina recentemente incorporada ao exercício profissional, esta é uma das mais promissoras atividades sociais do homem no novo século XXI.

Basta verificar o formidável fanal de novos conhecimentos e métodos que vêm sendo gradativa e exponencialmente incorporados à prática da Educação Física, delineando um novo profissional, para comprovar que a sua atuação não é só importante, mas essencial para toda a sociedade.

Acrescente-se a isso um novo conceito de saúde como sinônimo de qualidade de vida onde o nascer, o viver e o morrer humanos não mais podem ser considerados mera fatalidade, mas sim o destino consciente de uma pessoa, no exercício de sua cidadania.

Não se entende, pois, uma saúde que não tenha o componente da qualidade de vida para que os cidadãos possam usufruir prazerosamente da interação com a natureza e com os outros homens.

Para tanto, o organismo humano precisa ser protegido das agressões ou recuperado delas, mas, também e principalmente, preparado desde cedo para se adaptar às necessidades de crescimento e manutenção dos processos vitais.

Hoje se sabe, por exemplo, que o envelhecimento começa bem antes da idade prolecta e se deve, em grande parte, à falta de cuidados gerais e especiais para com o corpo, no que tange à alimentação, postura, exercícios etc.

O século XX, certamente, será reconhecido na história da humanidade pelos inúmeros e formidáveis feitos, pelas maravilhas obtidas pelo homem para com a sua forma física e, em consequência, sua estética.

Reportando-nos à Idade Média percebemos que as silhuetas humanas se destacavam mais pelas circunferências que pelos ângulos. Apenas a partir do final do século XIX quando descobriu-se que ao mecanismo de doença se aliavam, entre outros, o acúmulo de gordura, a alimentação excessivamente calórica e a ociosidade é que se iniciou o atual período de culto ao corpo, aos exercícios aeróbicos e à alimentação balanceada para se conseguir, assim, saúde e boa aparência.

A prática desportiva parecia, no início, interessar, apenas, a alguns exó-

ticos cidadãos que tudo faziam para romper os próprios limites da espécie e alcançar a notoriedade mundial pela boa performance física.

Aos poucos, as pessoas começaram a adotar o esporte como mecanismo de comunicação e entretenimento incorporando-se, posteriormente, essa prática ao processo educativo formal, até desembocar no exemplo mais acabado de competição política e ideológica entre as nações, através das competições internacionais, sendo as olimpíadas as mais emblemáticas de todas.

As olimpíadas, que representaram o apogeu da cultura física do povo helênico é, hoje, utilizada como demonstração de supremacia nacional ou até racial como queria Hitler em Berlim diferentemente do desejo do inovador dos Jogos Olímpicos dos tempos modernos o educador Pierre de Coubertin que os queria como aprimoramento do espírito competitivo, através do conagraçamento e da amizade entre os participantes, colaborando, destarte, para a paz entre os povos.

No entanto, as maratonas esportivas da atualidade têm envolvido, tristemente, interesses comerciais os mais escusos, transformando-se em verdadeiras batalhas onde se ganham ou se perdem fortunas, patrocínios e estrelato.

Essa gigantesca engrenagem comercial interessa diretamente a milhares de pessoas, além de um público imensurável, estimulado a torcer, apaixonadamente, por esse o aquele atleta e por essa ou aquela equipe, de modo a fazer rodar, em velocidade crescente, a cornucópia esportiva.

E esse exacerbado mercado de super-homens e semi-deuses, que tentam superar as frustrações de todos os demais mortais, que, por outro lado, realimentam o fanatismo das chamadas torcidas organizadas facções que mais se distinguem pelas rivalidades, traduzidas em violência, do que por atividade lúdica e de prazer.

E é neste vasto mercado de personalidade e dinheiro que pode vicejar a corrupção hoje tão divulgada que a ninguém mais assombra envolvendo dirigentes esportivos, árbitros e os próprios atletas, através da prática de propinas e “doping” traindo, assim, as normas esportivas e ludibriando a opinião pública, além do cometimento de ilícitos sociais.

A prática esportiva, seja ela qual for, amadora ou profissional, jamais poderá prescindir das virtudes morais de quem a pratica.

Se o homem é um ser intrinsecamente ético, somente chegará a aperfeiçoar a sua moral pela perseverança na prática do bem comum.

### *José Geraldo de Freitas Drumond*

- Professor Titular de Medicina Legal
- Professor de Bioética e Ética Médica
- Presidente da Sociedade Brasileira de Direito Médico SODIME.
- Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Legal SBML.
- Reitor da Universidade Estadual de Montes Claros UNIMONTES.

Contato

*reitor@unimontes.br e jdrugon@uol.com.br*